



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SECULO**

DE SANTA  
RITA



**FÉRIAS**

III POR DYNETTE III  
DESENHOS DE CASTANÉ

**N**ATURALMENTE este ano não vamos para fóra! — disse a voz doce e grave da mãizinha.

Quatro cabecitas ansiosas, levantaram-se de sobre os cadernos e uma exclamação unânime, desolada, partiu de todas as bocas. Os olhos de Maria cruzaram-se com os de Jorge, primo, companheiro de brinquedos e de estudo, e iam tão carregados de tristeza, que êle baixou os seus, para os não ver.

Madalena, a irmã de Maria, mais nova dois anos, não se poudo conter que não perguntasse:

—O' mãizinha, porque é que não vamos para fóra?!

A mãe, que cosia junto da janela, da salinha de estudo tão clara e alegre com as quatro janelas encaixilhadas e âmplas, e seu mobiliário branco e simples, levantou os olhos do bordado e, muito séria, respondeu:

—Porque o paizinho não quer sair de Lisboa este ano.

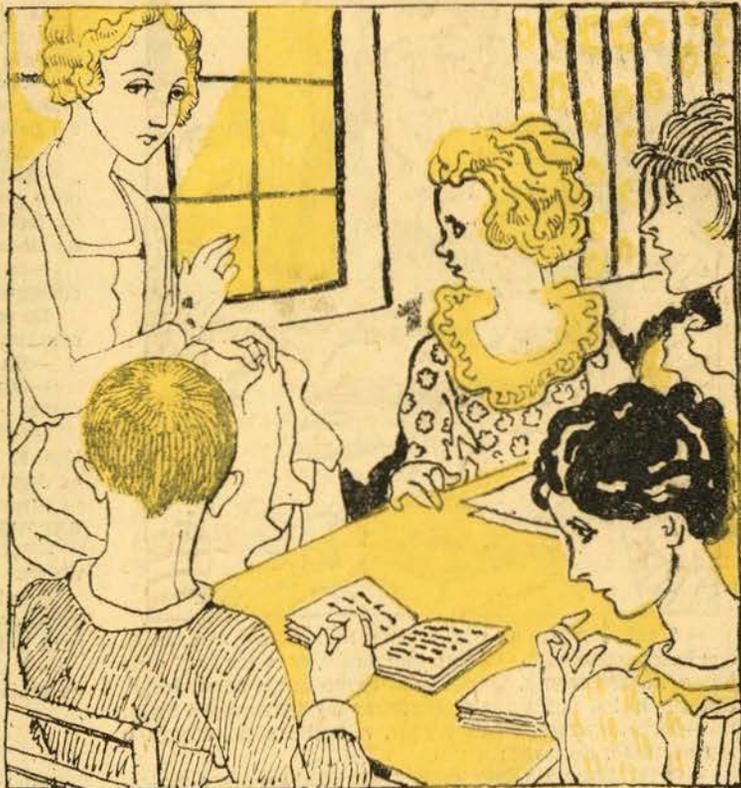
—Que maução que o papá é! exclamou Maria Tereza, a mais novinha de todas, seis anos gentis e garotos.

—O paizinho não é mau, minha filha, mas não pode fazer-vos a vontade, ora aí está — respondeu a mãe docemente repreensiva.

—Que pena, tia Guida! Eu tenho tanta pena! murmurou Jorge com os olhos marejados de lagrimas.

—E nos também! suspiraram Maria e Léna, baixinho.

Como a mãe se calasse, curvaram-se sobre a mésa as cabeças carregadas de tristeza e, na sala cheia de luz, apenas se ouviu o riscar das penas sobre o papel dos cadernos.



Passaram-se uns minutos no mais absoluto silêncio. Maria escrevia sem entusiasmo, os olhos cegos por gros-

sas e escaldantes lágrimas, prestes a rolar pelas faces coradas pela comoção, e, sem uma palavra, furtivamente, a mão de Jorge, carinhosa, meiga, veiu apertar a sua, incutindo-lhe coragem e como que dizendo: «Sê forte, eu compartilho a tua pena!»

A mãe, com um suspiro imperceptível, olhou o grupo formado pelos quatro pequenos, de ordinário tão alegre e conversador, agora em silêncio e triste, e, como uma sombra atravessou a sala e desapareceu na porta entreaberta que dava para o corredor.

A sua voz, clara e suave, ouviu-se em breve lá dentro, falando com a velha criada Rosa.

Jorge levantou-se num ímpeto e foi abraçar Maria que chorava baixinho, não tentando conter as lágrimas que, agora, corriam abundantes dos seus lindos olhos negros.

Com palavras carinhosas confortou-a, e beijou Madalena e Terezinha, chorosas também.

Então, Maria, muito séria, murmurou com a sisudez dos seus dez anos pensativos:

—O paizinho se não nos leva para fóra é porque não pode; — disse a mãezinha. O pai é tão bom, tão nosso amigo!

Lêna confirmou:

—Não pode, com certeza, senão levava! E, cheia de curiosidade, perguntou à irmã: Porque será que não pode?

Maria encolheu os ombros, pensativa, mas Terezinha atalhou triunfante com a solução que achava para o grave problema:

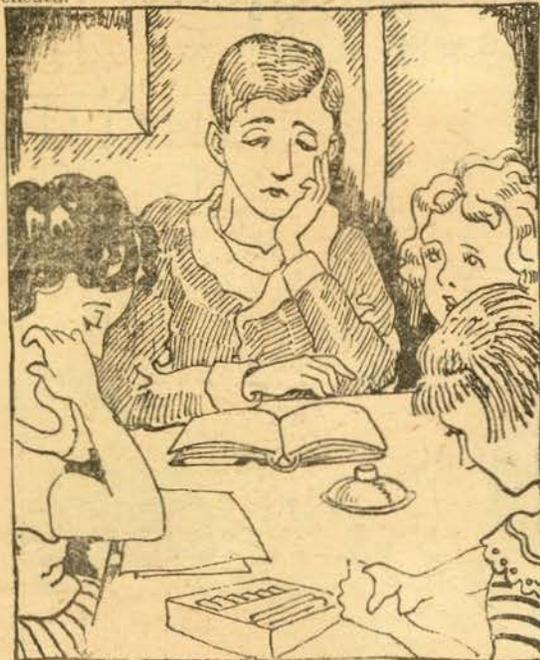
—Não pode porque não sabe as lições e fica mal no exame!

—Pateta! exclamou Lêna irritada. Julgas que ele é mandrião como tu? O paizinho já fez muitos exames, todos; sabe tudo. Não é por isso.

—Então porque será?! perguntou Terezinha, humilhada com o seu insucesso.

—Talvez lhe faça falta o dinheiro! declarou Jorge muito sério.

—Ele tem tanto! protestou Lêna, com um ar de censura.



—A mãe diz que as coisas estão muito más, que temos que fazer economias. O Jorge tem razão, deve ser isso! confirmou, sisudamente, Maria. Mas tenho tanta pena, Jorge, tanta pena! E outra vez as lágrimas lhe turvaram a vista.

—Jorge, apertou-a nos braços, e, muito sério, contra o seu costume, declarou:

—O tio Armando deve estar triste! Talvez nós o pudéssemos ajudar nalguma coisa!

—Isso era bom, mas como podemos nós ajudá-lo?! perguntou Lêna a quem aquela idéia sorria.

—Vamos pensar! propôs Jorge, fechando os olhos para concentrar o pensamento.

Maria foi a primeira a romper o breve silêncio que se seguiu.

—E se nós fizéssemos economias e entregássemos depois esse dinheiro ao paizinho?

—Sim! Sim! exclamaram todas entusiasmadas, os olhos brilhantes de interesse.

—Eu já não compro mais chocolate! declarou Lêna cheia de gravidade.



—E eu já não dou mais «pão de ló» ao canário! afirmou Terezinha com um decidido murro sobre a mesa.

Um côro de gargalhadas explodiu a esta afirmação. Mais forte do que o seu desgosto, a alegria vencera-os, com grande despeito de Terezinha, ignorante da causa daquela súbita hilariedade.

—Isso não é economia, é egoísmo! Tu deves privar-te duma coisa de que gostes muito e não seja precisa. Não é o pobre bicho que deve sacrificar-se, és tu!

—Ave! emendou Lêna, muito senhora da sua ciência. — Bicho ou ave é a mesma coisa! declarou Jorge irritado e peremptório, não querendo perder o prestígio diante da trocista Terezinha que o olhava entre zangada e desconfiada.

—Isso não faz ao caso! atalhou Maria, conciliante, toda entregue á sua idéia generosa.

Eu proponho não irmos ao cinema na quinta-feira? disse corajosamente.

—Eu quero ir! gritou, indignada, Terezinha.

—Ora sêbo! foi a resposta de Lêna, que adorava o cinema.

—Isso é que tem que ser! apoiou Jorge muito dramático. E, com esse dinheiro e o que devíamos gastar todos os domingos no Jardim Zoológico e nos passeios, e todas as tardes com chocolates, drops e coisas assim, já o tio Armando escusava de se ralar.

—Mas para que é que o paizinho precisa do nosso dinheiro? Inquiriu Lêna, cheia de lógica.

—Sei lá? respondeu Maria impaciente. E, voltando-se para Jorge, criticou: — Esta Lêna precisa de explicações para tudo. E' insuportável!

—Pois é! afirmou Jorge, que gostava de exhibir ante as mais novas, uns ares enigmáticos e importantes.

## II

Misteriosos como conspiradores, os quatro amigos puzeram em prática os seus cavalheirescos planos.

(Continua na página 4)

# O teu retrato

A' MINHA PRIMINHA  
GEORGINA SERRÃO de 9 ANOS

POR

JOSÉ RODRIGUES CERÇAS J.º

D e s e n h o d o A U T O R



Georgina és tão graciosa  
Como a delicada rosa  
E a tua alma é dessa côr.  
E's botão primaveril  
De encanto estranho e subtil,  
Botão da mais linda flôr!

Olhos meigos, fulgurantes,  
Garços, belos cativantes,  
De esmeralda e prata fina;  
Lábios dum vermelho puro,  
Qual morango bem maduro,  
São os teus, gentil menina!

Formosa criança loura,  
Tua beleza te doura  
A mocidade da vida.  
Tem celestial candura  
A tua alminha tão pura,  
De inocência revestida.



Que êsse acrisolado amôr,  
Que tens a Nosso Senhor,  
Guia sempre a tua alminha,  
E que Ele conduza ao céu  
A tua alma sem labéu,  
Quando já muito vélhina!

## CORRESPONDENCIA

*Morenita*: — Bem aparecida seja! Recebemos a excelente colaboração que irá saindo sucessivamente. Abençoadas férias!

*José Augusto do Vale*: — O conto «Amor à Terra» não deixará de sair oportunamente.

*Munuel J. Canha*: — Gostaríamos de saber donde foi extraído o conto «O grilo da perna torta...» que publicaremos na devida altura.

*Maria Alda*: Recebemos as novas produções que sairão a seu tempo e estamos muito gratos.

*Maria Emilia Barbosa Viana*: — O conto será publicado brevemente com ilustrações de

Castañé porque os desenhos não veem nas condições.

*J. Pardilhó*: — As tuas «Proezas» cá chegaram e vão ser sujeitas ao critério do nosso director. Se estiverem nas condições serão publicadas.

*José dos Santos Junior*: — Tenta outro género de colaboração. A que enviaste não serve.

*Fernando Aparicio Duarte*: — Manda dizer se os contos que tens enviado são originais ou da Tradição popular, isto é, se os ouviste contar e lhes deste forma ou ainda se traduzidos.

*Toutinegra*: — Como apreciamos muito a sua colaboração, permita-nos um conselho: — Cuide um pouco mais da caligrafia e revisão dos seus originais. A forma precipitada com que os tem escrito, embaraça o nosso director e os tipógrafos. Perdõe a franqueza do

«Tio Paulo»



## FERIAS — (Continuação da página 2)

Na quinta-feira seguinte, corajosamente, embora cheias de pena, as três pequenas quiseram ficar a brincar no jardim aos jantarinhos, o que causou à mãe viva surpresa, quasi inquietação.

Lêna, uma gulosa de marca, com profundo pasmo da velha Rosa que costumava ir todas as tardes comprar-lhe gulodices na vizinha mercearia, confessou-se enjoada do chocolate.

E até Terezinha, sacrificando-se no que mais gostava, recusou a compra duma boneca, que há uns poucos de meses cobicava, e para a qual juntara, avaramente, o dinheiro que a avó todos os domingos lhe dava. E não eram somente as três altruistas que se sacrificavam, pois até o primo, o gastador Jorge, amimado pelos pais e avós, e que tinha sempre a carteira recheiada, se fez economico e principiou a amearhar numa caixinha o produto dos seus sacrificios, como elle dizia enigmáticamente á mãe, desconcertada com tanto juizo subito.

—Passaram-se três semanas sem o menor desfalecimento e, numa tarde, á volta do liceu, Jorge, depois de mudar de fato em casa, foi, como de costume, estudar para casa dos três.

Na salinha de estudo, as primitas e a mãe estavam entregues aos seus costumados afazeres.

D. Margarida cosia a roupa da casa, junto á janela aberta de par em par, sobre o jardim cheio de sol e de perfumadas flores, e as filhas, curvadas sobre os cadernos, rabiscavam as lições para o dia seguinte.

Depois de trocados os beijos do estilo, Jorge foi sentar-se no seu lugar do costume, ao topo da mesa, o «lugar da presidencia», com elle chamava vaidoso, e estendeu á sua frente o enorme arrajal de livros e cadernos de estudante do liceu, que tanta impressão causava na preguiçosa Terezinha contente com a escassez dos seus livros.

—Tiveste muito que estudar hoje?! perguntou elle a Maria, que o olhava cheia de ternura.

—Bastante! Estamos ás portas dos exames! E' já no mês que vem que eu faço o meu!

—Bem sei, mas não deves ter medo. Sabes tão bem as lições! Decerto ficas bem.

Maria riu contente e corou muito modesta, olhando a mãe de soslaio.

D. Margarida seguira a scena interessada e sorriu á socapa.

—Eu é que tenho sorte! Só para o ano é que faço exame! exclamou Lêna, feliz, espreguiçando-se de satisfação.

—Sempre és muito preguiçosa! murmurou Terezinha pondo as mãos com cómica censura.

Ninguem ponde guardar a seriedade ante o ar encolerizado de Lêna e a cara pândega da irmãzita.

De novo fez-se um silêncio que, passados momentos, a mãe quebrou.

—Que lindo dia está hoje! Estamos quasi no verão! murmurou olhando para fóra.

As quatro cabeças levantaram-se simultaneamente, enquanto trocavam entre si, olhares de tristêza.

A mãe, como se um espirito mau lhe gulasse o pensamento continuou.

—Está tanto calor já! Onde se deve estar bem é numa praia. Lisboa é tão quente!

—E nós que tínhamos feito tantos projectos, este ano! Para mais que a tia Dulce levava o Jorge para onde nós fôssemos, já lho tinha prometido! lamuriou Lêna de lágrima ao canto do olho.

Mas Maria fez-lhe sinal com a cabeça, com uma grande seriedade, o que fez sorrir a mãe, muda espectadora desta scena.

Jorge cochichou-lhe qualquer cousa ao ouvido o que a fez corar intensamente e até Terezinha lhe fez sinais aos quais respondeu com um desdenhoso encolher de ombros.

A velha Rosa com o taboleiro do lunch, desviou-lhes a atenção.

Já o «chá» fumegava nas chávenas vermelhas de pintinhas brancas, como engraçadas «Joaninhas» de porcelana e os louros e apetitosos bôlos convidavam os gulosos, quando uma voz, alegre e amiga, perguntou fóra da porta:

—Há lugar para mais um esfomeado?

E, mal apareceu á porta um rosto alegre e ainda muito moço, emoldurado em revoltado cabelo um pouco grisalho nas fontes, um grito entusiástico brotou dos lábios dos quatro pequenos.

Em menos dum segundo, Armando Noronha, viu-se rodeado pelas filhas e companheiro inseparável e junto da mulher, que, sorrindo-lhe contente, parecia apenas irmã mais velha dos pequenos, tanta satisfação se espalhava no olhar.

—Ora viva a boa companhia! gritou o pai, rindo, enquanto apertava a mão que Jorge lhe estendia com gravidade.

—Que boa surpresa! exclamou a mãe, empurrando uma cadeira para junto da mesa.

—Acha, senhora minha esposa?! respondeu o marido, beijando-lhe a mão.

Todos se riram e sentaram-se em redor da mesa do estudo, agora transformada em mesa de chá e resplandecente com a toalha bordada, a alegre porcelana, os bôlos e a amizade e a alegria a rodeá-la.

—Tenho uma alegre surpresa a fazer-lhes! disse o pai, olhando em redor, cheio de mistério.

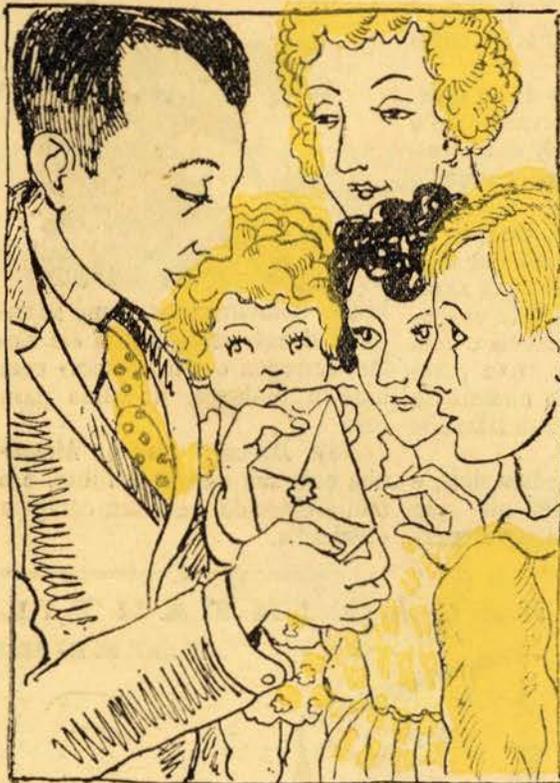
Um sussurro, curioso respondeu-lhe, enquanto que olhares ávidos se cravavam no seu rosto sorridente.

Mas, antes que tivesse tido tempo de proferir uma palavra, Jorge levantou-se, muito vermelho, e, com um gesto acanhado, entregou-lhe um sobrescrito, esperando, em silêncio, que o tio o abrisse.

Com as pontas dos dedos, entre risonho e intrigado, Armando Noronha tirou, maravilhado, de dentro do envelope, duas notas de vinte escudos, novinhas e muito bem dobradas.

—Que significa isto?! perguntou, intrigadíssimo, olhando em volta os rostos vermelhos e embaraçados.

Os pequenos olharam uns para os outros, corando mais e riram enleados.



—São as nossas economias! gritou Terezinha triunfante e sem sombra de embaraço.

Os olhos de D. Margarida encheram-se de comovida ternura, enquanto fitavam os quatro rostos queridos. Tinha adivinhado tudo.

O marido, sorria, admirado da comoção dela e sem compreender o embaraço dos pequenos.

—Dize tu cá, Terezinha, dize ao pai para que são as vossas economias?! disse ele, pegando na mais pequena e pondo-a a cavalo nos joelhos.

—E' tudo para o paizinho. Diz a Maria que o pai não pode gastar dinheiro porque está pobre e nós devemos ajudá-lo, gritou ela, muito ancha, batendo as mãos.



O pai olhou a cabeça inclinada da mais velha, com os olhos brilhantes de ternura e comoção, e estendeu-lhe a mão exclamando:

—Vem cá, Maria; és uma boa e querida pequena. E vocês também, meus filhos, tem um nobre e generoso coração. E abraçou-as a todas amorosamente, enquanto a mãe os acarinhava também, meiga e orgulhosa.

—O' paizinho, o Jorge deu todo o dinheiro dêle, foram logo vinte escudos; é o mais rico! explicou Lêna, pegando na mão do primo com visível admiração.

O pai, apertou-lhes mais uma vez a mão, cheio de gravidade e contou-lhes, então, o que motivara o equívoco.

—Quando a mãzinha disse que eu não podia ir para fóra este ano, era porque os meus negócios me prendiam aqui e eu não queria privar-me da sua e da vossa companhia. Mas... considerei melhor, e vi que estava a praticar uma feia acção. Estava a ser muito egoísta. Já tinha pensado em deixar-vos ir com a mãzinha e ir só passar convosco os sábados e domingos...

—Isso não, paizinho; nós ficamos consigo! atalhou pressurosa Maria, pondo-lhe no ombro a cabeça, no que foi imitada por Lêna.

—Mais uma vez obrigado, minhas pequeninas! Mas, como arranjei o sócio que há tanto tempo ambicionava para eu descansar um pouco mais, tudo se arranjou ás mil maravilhas. Ele vai passar á Beira Junho e Julho e nós...

—Nós?! perguntou Jorge, sem se poder conter por mais tempo.

—Nós vamos passar dois meses também... a uma praia! terminou Armando de Noronha, findo alegremente do entusiasmo dos quatro felizardos.

—O' mãzinha, tu já sabias? exclamou Terezinha muito terna, agarrando-lhe na cabeça e pondo-a entre as suas mãos papudas e cheias de covinhas.

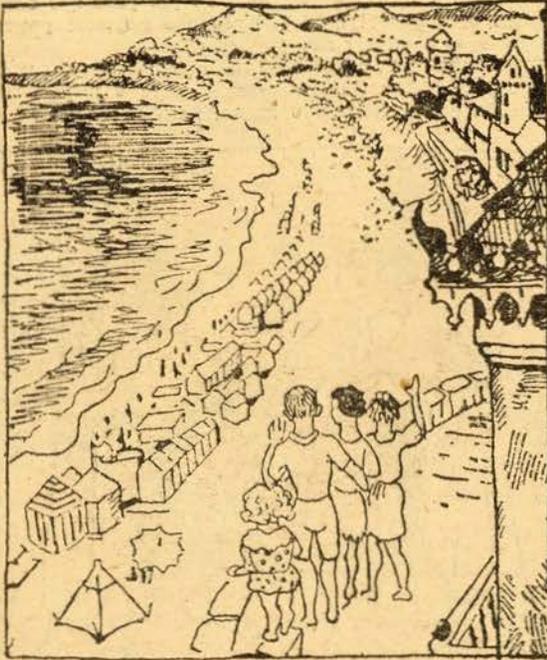
Com os olhos brilhantes de prazer, a mãe aquiesceu e uma rajada de louco contentamento correu pela salinha alegre e clara.

—E os exames? perguntou o pai, muito sério.

—Eu vou ficar distinta! prometeu Maria.

—E eu passo o ano pela certa. Vou ter umas notas piramidais este período! afirmou Jorge com vaidosa convicção.

—E eu já compro a minha boneca, mãzinha! declarou Terezinha apertando, simultaneamente, os pescoços paternos. Mas, nisto, uma dança selvágem, género dança



hindu, muito saracoteada, exibiu-se ante a admiração geral.

—O que te mordeu, Lêna? inquiriu o pai sufocado de riso.

—Já posso comprar chocolate todos os dias! Já posso comprar *drops*! foi a entusiástica resposta.

E, enquanto os pais saíam de braço dado, levando Tezinha a palrar desenfreadamente, Jorge, Maria e Lêna sentaram-se num sofazinho junto da janela.

—Como nos havemos de divertir! exclamou Jorge, abraçando-as ao mesmo tempo.

—Que boas vão ser as nossas Férias?

Estou convencida de que as férias deles vão ser esplêndidas, sobretudo porque a recordação da nóbrega acção praticada e o recrudescimento de amor e ternura que fizeram nascer nos corações dos pais, lhes farão parecer imensamente agradáveis as idéas de Generosidade e Dever, que os levou a procederem quasi como pequenos heróis.

Talvez que mais tarde saibamos qualquer cousa a seu respeito.

■ FIM ■

## AVENTURAS DE BARNABÉ E DOS TRES LADRÕES

POR ARNADO L — DESENHOS DE ARCINDO M

**C**ERTA noite estava Barnabé deitado na sua fôfa cama, passando pelo sono. Sentiu mexer! Quem seria? Ladrões, certamente!... Levantou-se e foi ver o que era. Qual não foi o seu espanto ao

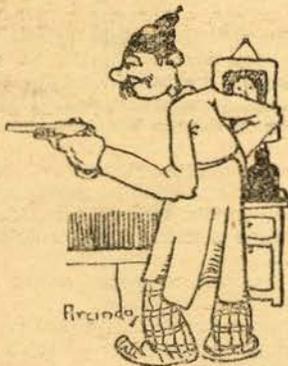
já jaziam no chão, mortos como passarinhos.

Barnabé ainda não ficou satisfeito, porque o que levava todo o dinheiro, conseguiu pôr-se ao fresco. Aparelhou, imediatamente, o seu cavalo «Faisca» e partiu numa carreira doida, através de montes e montanhas, até que descobriu numa montanha um enorme subterrâneo, onde ele encontrou riquezas incalculáveis e uma quadrilha de ladrões, que pareciam feras, e em cujo número se contava aquele em quem Barnabé queria pôr as unhas.

Nisto sôa um tiro, sôam dois, e assim sucessivamente, até que Barnabé abateu todos aqueles co-

lossais homenzarrões, como se nada se tivesse passado com ele. Então, carregou o seu «Faisca» com todo o dinheiro, e voltou para casa

Hoje Barnabé vive na Alemanha com sua mulher e filhos, e é muito elogiado pela sua coráge e valentia.



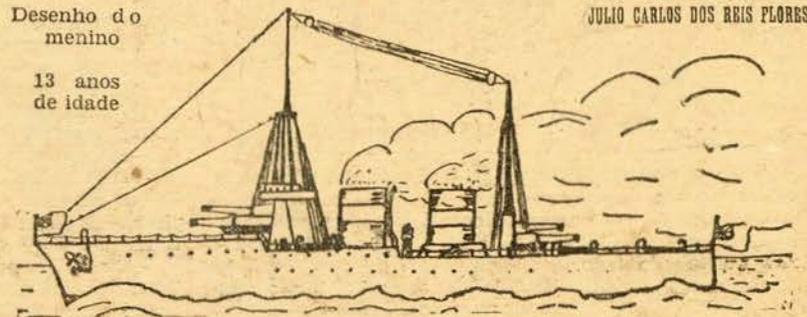
ver que três ladrões assaltavam o seu cofre, tirando-lhe todo o dinheiro que ele continha.

Sem que eles dessem por isso, foi à cabeceira da cama e tirou dois «revólvers», segurando-os com muita força, (naturalmente para que eles não fugissem) e dirigiu-se para o lugar onde se encontravam os ditos larápios.

Apontou... Fez fogo... Dois

Desenho do menino

13 anos de idade

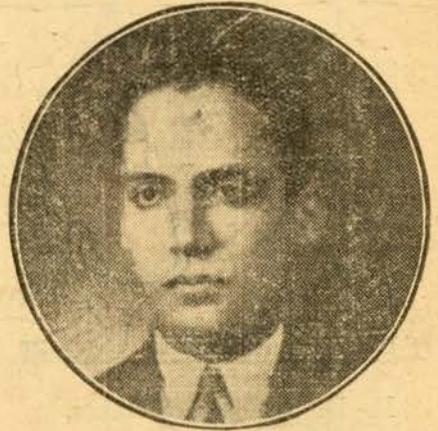
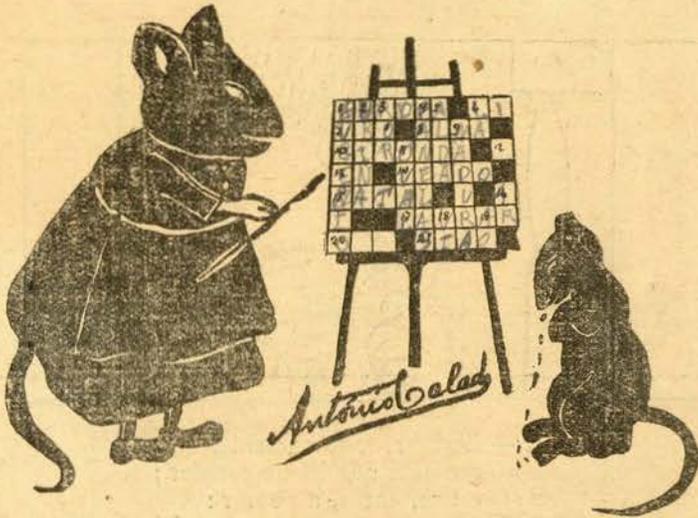


JULIO CARLOS DOS REIS FLORES

# HORA DE RECREIO

PALAVRAS CRUZADAS

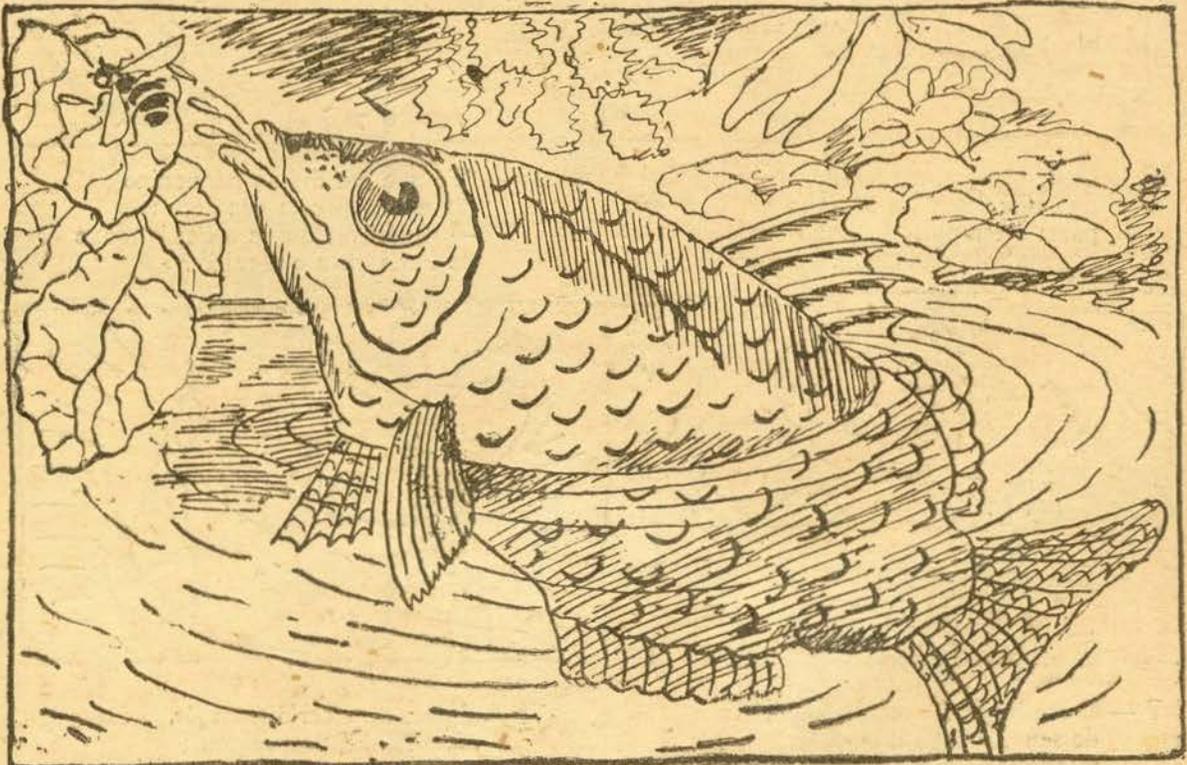
GALERIA DE HONRA



O «Pim-Pam-Pum» tem o prazer de apresentar aos seus leitores o seu antigo colaborador Raul Reis de Oliveira, autor dos versos e da música que publicámos no nosso último número e que, por lapso tipográfico, foram atribuídos a Raul Lopes de Oliveira.

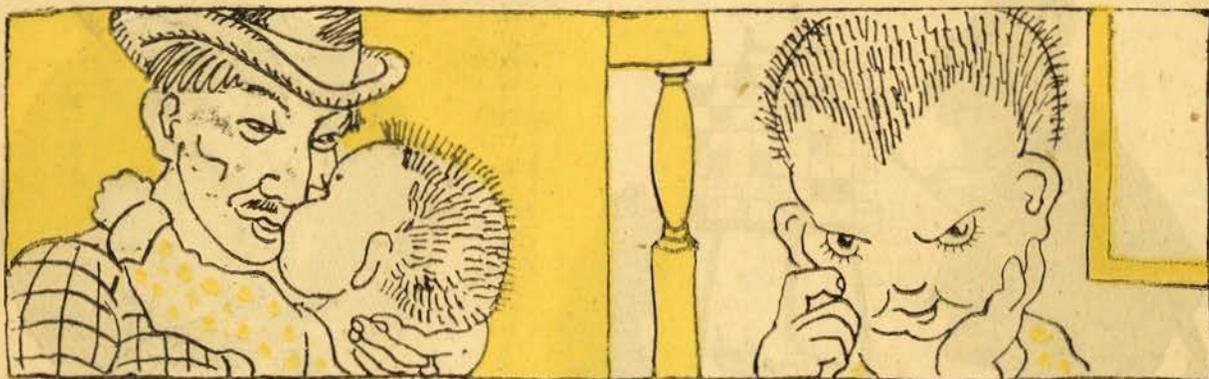
**HORIZONTALMENTE** — 1, Uma das cinco partes do mundo; 6, forma do verbo ler; 7, boi selvagem; 8, sede de sentimento e espírito; Rio, francês; 12, vogal; 13, preposição francesa; 14, mamífero; 15, Republica da America do Sul; 17, abrir regos na terra com arado; 22, Interjeição; 21, Reino da Asia.  
**VERTICALMENTE** — 1, Nome de homem; 2, liquido proveniente dos rins; 3, grande quantidade; 4, utensilios de cozinha; 5, nome de mulher; 6, nota musical; 9, contrario de verde; 11, com feitio de ovo; 16, atmosfera; 18, forma do verbo ver; 19, contracção da preposição a com o artigo o.

## PARA OS MENINOS COLORIREM



O psixe caçador — (Toxotina)

# O desapontamento de Zézinho



I — De partida para França,  
diz o Papá de Zézinho :  
— «Se fóres sempre bomzinho,  
trar-te-hei uma lembrança.

II — Zézinho, todo contente,  
promete que há-de estudar ;  
e fica, então, a pensar :  
— «o que será o presente?!»



III — Com surpresa, sobretudo,  
de «miss Mary», o Zézinho  
passa o tempo fechadinho  
em sua sala de estudo.

IV — 'Té que um dia ao pequenino  
diz a «miss» com voz doce :  
— «Quer' ver o que o Papá trouxe  
de Paris para o menino? »



V — E conduzindo-o ao quartinho  
do seu Paizinho e da Mãe,  
mostra-lhe um novo irmãozinho  
vindo de França também,

VI — Então, com certo amargôr,  
diz Zézinho, descontente :  
— «Ora cebo ! Que presente !  
Eu preferia um tambôr !!»